

AUSTREGÉSILO
DE ATHAYDE

Fim de
festa

Os governadores de São Paulo e Minas Gerais reuniram-se para um exame em profundidade da situação política brasileira, autorizados para isso pela importância dos dois estados, formando juntos a maioria eleitoral do País. Ambos reconhecem que o parlamentarismo improvisado que a Comissão de Sistematização adotou criará tantos e tão graves problemas, na ordem política e administrativa, que se torna urgente uma ligação de todas as forças da opinião, dentro e fora da Constituinte, para impedir esse desatino. Pedem além disso que os trabalhos se apressem, porque o País precisa de definições de sua vida política para reorganizar a sua vida econômica. Noutras palavras, os dois governadores falaram com a voz do bom senso e de certo modo defenderam o direito da maioria da Assembleia Constituinte de fazer valer a sua vontade, ao recusar submissão passiva ao que decidiu a Comissão de Sistematização que tem trabalhado mais com abstrações e idealismo utópico, partindo falsamente do princípio de que são os seus membros e não a maioria do plenário que interpretam as aspirações nacionais.

O Brasil não é parlamentarista. A infinita maioria do seu povo nem sabe nada sobre o funcionamento dessa forma de Governo. Eu mesmo tenho feito a experiência de indagar de homens da rua, na variação de sexos e idades, de cultura ou condição econômica, e posso dizer que a porcentagem dos que entendem alguma coisa dessa matéria é insignificante. E a propósito o julgamento que fazem da Constituinte está bem longe de ser ilsonjeiro. Falta-lhe a credibilidade pública e o mínimo de confiança, o que aliás nem sempre é justo e nasce do desconceito em que o Congresso calu por atos e fatos que não quero mencionar.

O argumento mais frequentemente apresentado em favor do parlamentarismo é o de que nesse regime haverá estabilidade política e administrativa, sem as crises cíclicas do presidencialismo. Não é o que se sabe e se vê da prática parlamentarista nos países meridionais da Europa que mais se assemelham, pelas raízes comuns, com o Brasil. O exemplo mais flagrante é dado pela Itália. Os parlamentaristas no momento estão com a bola nos pés, mas prevêem os entendidos, para felicidade geral, que não marcarão ponto, no final da partida.

JORNAL O BRAZILIENSE

5 NOV 1987